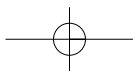
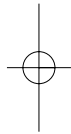
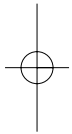


O SENHOR TE DÊ A PAZ

*Documento
do Capítulo geral
Ordem dos Frades Menores
Assis, Pentecostes de 2003*

Cúria geral OFM
Roma 2003



Apresentação do Ministro geral

Caríssimos irmãos,
«O Senhor vos dê a Paz»!

Faz apenas algumas semanas que concluímos nosso “Capítulo de Pentecostes” de 2003. Um acontecimento importante, não só pela forte experiência de fraternidade que vivemos, mas também pelo urgente convite à conversão pessoal e fraterna que nos dirigiu este primeiro Capítulo do terceiro milênio.

Além de rever as Constituições e os Estatutos gerais, o Capítulo geral aprovou o documento «O Senhor te dê a paz (*Sdp*) que, após uma última revisão feita pelo Definitório geral segundo o mandato capitular, tenho hoje o prazer de vos apresentar. O documento destaca o convite à conversão de forma explícita: «Vemos a necessidade – diz-se no n. 2 – de não domesticar as palavras proféticas do Evangelho para adaptá-las a um cômodo estilo de vida; ao contrário, queremos acolher o Espírito, sentir a íntima urgência evangélica do “nascer de novo” (cf. *Jo* 3,3) pessoal e institucionalmente». «Queremos encarnar – lê-se no n. 1 – na vida e em nossas atividades esta Palavra que habita em nossos corações».

«Nascer de novo», «percorrer o caminho do discernimento evangélico», para «voltar ao essencial» e para «realizar a tarefa que nos é confiada em nosso fragmento de história»: eis alguns dos convites urgentes do Capítulo, que esperam uma resposta concreta em nossa vida, para então, como Frades menores, com a alegria da fé, com o diálogo, com a itinerância, com a evangelização e com a santidade em Fraternidade (cf. *Sdp* 2ª parte), podermos responder aos desafios que nos

Capitulum generale Assisi 2003

lançam a economia de mercado, a violência, o fundamentalismo e a cultura da imagem (cf. *Sdp* 1ª parte).

Seguindo o que foi proposto durante o Capítulo, o documento «O Senhor te dê a paz» é acompanhado de fichas para a reflexão pessoal e fraterna à base de leituras tomadas dos documentos da Igreja e da Ordem, e ainda de uma série de perguntas que podem facilitar uma melhor assimilação do documento capitular.

Como metodologia a ser utilizada, sugiro o que segue: iniciar com a leitura pessoal das citações propostas, seguida de uma reflexão, também esta pessoal, sobre o texto do documento, tendo presentes as perguntas formuladas. Como segundo passo, no dia previamente indicado, faz-se o estudo em comum do documento e se responde em Fraternidade às perguntas que se relacionam com sua vida. Seria bom também que todos os Frades escrevessem as respostas pessoais às perguntas e que, no fim da reunião da Fraternidade, se fizesse uma síntese delas. Esses dois momentos de estudo do documento devem acontecer num clima de meditação e de oração.

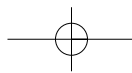
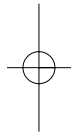
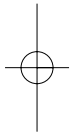
Que o Espírito Santo nos torne capazes de discernir os sinais dos tempos e nos dê a força necessária para sermos portadores de Paz e de Bem, com nossas atitudes e nossas palavras, em qualquer lugar e situação em que nos encontrarmos.

Roma, 25 de julho de 2003
Festa de São Tiago, Apóstolo

Frei José Rodríguez Carballo, ofm
Ministro geral

Prot. 093474

DOCUMENTO FINAL



Introdução

«No início da Ordem, andando o bem-aventurado Francisco com um irmão, que foi dos primeiros doze companheiros, este saudava homens e mulheres pelos caminhos e nos campos, dizendo: “O Senhor vos dê a paz”» (LP 67; EP 26).

1. Nós, Frades menores, provenientes de 110 Países diferentes, reunidos na Porciúncula no início do terceiro milênio, enquanto a Família franciscana celebra o 750º aniversário da morte de Santa Clara, desejamos reafirmar e redescobrir as comprometedoras conseqüências do chamado a proclamar o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Na situação de uma humanidade dilacerada e sofredora, recordamos particularmente a saudação revelada a Francisco: «O Senhor te dê a paz». Como no tempo de São Paulo, também hoje a humanidade sofre, de modo extraordinário, «as dores do parto» na esperança de ser libertada da escravidão da corrupção para participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus (cf. *Rm* 8,18-25). Queremos encarnar na vida e em nossas atividades esta Palavra que habita em nossos corações e que está escondida «no campo do mundo e dos corações humanos (*3CIn* 7). «Com todo o coração, com toda a alma e com toda a mente» (*RnB* 23,23; cf. *Mt* 22,37), queremos tornar-nos eco do “sim”

Capitulum generale Assisi 2003

de Deus à criação; de seu olhar para todas as coisas e de sua proclamação que elas são «boas» (cf. *Gn* 1,31); de sua total solidariedade com todos, mediante o nascimento, a vida, a atividade, a morte e a ressurreição do Senhor (cf. *TestC* 45); de seu pleno “sim” a todas as criaturas para que vivam na paz e na justiça (cf. *1Cor* 15,28). Comprometemo-nos a encarnar esta mensagem de esperança na concretude de nossa vida pessoal e fraterna, no esforço de que os povos, inclusive os inimigos, se aproximem da paz e do bem.

2. Sobretudo, vemos a necessidade de não domesticar as palavras proféticas do Evangelho para adaptá-las a um cômodo estilo de vida; ao contrário, queremos acolher o Espírito, sentir a íntima urgência evangélica do “nascer de novo” (cf. *Jo* 3,3) pessoal e institucionalmente. Com todos os homens e as mulheres de boa vontade (cf. *Lc* 2,14; *GS* 22), sentimo-nos incitados a fazer surgir uma nova época, a suscitar uma nova visão da vida e das relações, fundadas sobre a justiça e sobre o amor, como caminhos para a paz. Nesse contexto, reconhecemos a urgência de voltar ao essencial de nossa experiência de fé e de nossa espiritualidade, para nutrir, mediante a oferta libertadora do Evangelho, nosso mundo dividido, desigual e faminto de sentido, como Francisco e Clara de Assis fizeram no seu tempo.

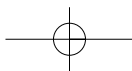
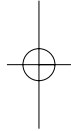
3. Não podemos contentar-nos em exaltar as obras de nossos antepassados; antes, devemos inspirar-nos nelas para realizar a tarefa que nos é confiada em nosso fragmento de história (cf. *Adm* 6; *2Cel* 214). Avaliar estes propósitos e indicar novos caminhos de fidelidade criativa são tarefas de nosso Capítulo geral de 2003. Por isso, aceitamos o convite que o Papa João Paulo nos dirigiu na Mensagem ao Capítulo: «É grande o fascínio de Francisco e de Clara de Assis sobre os jovens e deve ser utilizado para propor também às gerações do terceiro milênio “uma reflexão mais atenta sobre os valores essenciais da vida, que encontram sua síntese de solução na resposta que cada um é convidado a dar ao chamado de Deus, especialmente quando este solicita a doação total de si e das próprias energias pela causa do reino” (*NMI* 46)» (*Mensagem ao Capítulo geral*, 5).

4. Este Capítulo aprofundou o *Relatório* do Ministro geral «*Vocavit nos Deus ut eamus per mundum*» e examinou a caminhada da Ordem nos últimos seis anos. Manifestamos nossa vontade de continuar na direção empreendida por nossa Fraternidade, assim como é indicada pelas *cinco prioridades da Ordem*, pois cremos que estas continuam a ser uma «chave de leitura» para vivermos nossa identidade e para compreendermos as expectativas do mundo: 1. Espírito de oração e devoção; 2. Comunhão de vida em Fraternidade; 3. Vida em minoridade, pobreza e solidariedade; 4. Evangelização-missão; 5. Formação. Convidamos todos os frades a meditar e a estudar com atenção os conteúdos desse *Relatório*, como estimulante orientação para a renovação e a mudança. Além disso, consideramos úteis as publicações do *Serviço para o diálogo* e os princípios e a visão da vida consagrada contidos nos textos do Conselho Plenário da Ordem (Guadalajara 2001), pois constituem uma válida síntese de uma caminhada de busca.

5. O *Documento final* do Capítulo coloca-se na mesma direção e aceita os mesmos desafios. Nossa tarefa é realçar alguns temas significativos surgidos no diálogo dos Frades chegados de todas as partes do mundo à terra de Francisco, durante o jubileu de nossa irmã Clara e sob a proteção de Santa Maria dos Anjos. Dando maior destaque ao mandamento supremo do amor como caminho de paz e de salvação (cf. *Mc 12,29-32*), oferecemo-lo a todos os Frades e a todas as irmãs da Família franciscana e a todos os que se sentem atraídos pela profunda atualidade de nosso carisma.



Capitulum generale Assisi 2003



Salvação com os novos sinais do céu e da terra

«... salvação com os novos sinais do céu e da terra, que, grandes e extraordinários aos olhos do Senhor, são contudo tidos em conta de vulgares por muitos religiosos e outros homens» (1CCus 1)

6. Um elemento essencial da caminhada cristã é a capacidade permanente de perscrutar os sinais dos tempos e de interpretá-los à luz do Evangelho (cf. *GS* 4; *CCGG* 102 §2; *SRS* 7; *VC* 81). São os acontecimentos da vida que marcam uma determinada época da história; através desses acontecimentos, o cristão sente-se questionado por Deus e chamado a dar uma resposta evangélica. Os sinais dos tempos são, pois, raios de luz presentes na noite escura dos povos, faróis geradores de esperança. Quem não lê os sinais dos tempos corre o risco de parar, de repetir-se, de anular os sonhos mais profundos, de perder pouco a pouco a alegria contagiosa da fé. Para o cristão, saber interpretá-los é uma exigência evangélica: «Sabeis interpretar os fenômenos da terra e do céu; então como não sabeis interpretar o momento presente?» (*Lc* 12,56). O Senhor nos convida a ouvir sua voz nos acontecimentos da história, a perceber sua presença sempre ativa, para anunciar com a palavra e com a vida aquilo que temos visto e ouvido (cf. *1Jo* 1,1; *CCGG* 89.93 §2). Por isso, os sinais exigem reconhecimento, leitura, interpretação e juízo, pessoalmente e em Fraternidade (cf. *OA* 3; *RFF* 32).

Capitulum generale Assisi 2003

7. Nessa perspectiva, sentimo-nos chamados a iniciar, em todo o tempo e lugar, a caminhada do discernimento evangélico: «examinai tudo e ficai com o que é bom (1Ts 5,21). Esse discernimento deve ser feito numa dupla perspectiva: por um lado, tomar consciência das estruturas pessoais e sociais que se opõem à vida, para denunciá-las e contribuir para sua superação; por outro, abrir os olhos da fé e da esperança para perceber, no meio das crises, os sonhos visíveis da humanidade, para dar-lhes espaço em nossa vida e antecipar, assim, o Reino proclamado e vivido por Jesus Cristo. Quer dizer, é preciso saber «distinguir o que vem do Espírito daquilo que lhe é contrário» (VC 73). Como fez Francisco de Assis, que aparecia a todos, diz-nos seu biógrafo oficial, como «um homem de outro mundo» (1Cel 36), antecipação viva de um mundo possível a todos. Se formos capazes de ler os sinais de nosso tempo à luz do Evangelho, nós mesmos poderemos ser sinais legíveis de vida para um mundo sedento de «novos céus e nova terra» (Is 65,17; cf. Ap 21,1).

8. João Paulo II convidou as pessoas consagradas de nosso tempo a «repropor corajosamente o espírito de iniciativa, a criatividade e a santidade dos fundadores e fundadoras, como resposta aos sinais dos tempos visíveis no mundo de hoje» (VC 37); a não limitar-nos a ler os sinais, mas a contribuir para «elaborar e atuar *novos projetos de evangelização* para as situações atuais» (VC 73).

9. Como Frades menores, sentimo-nos especialmente questionados por algumas realidades históricas negativas no contexto em que vivemos; realidades que, por sua difusão sempre mais generalizada, podem ser consideradas características de nossa época. O denominador comum de tais realidades é a rejeição daquilo que é diferente, a exclusão do outro, a negação sistemática da alteridade. Todavia, um olhar atento consegue descobrir também os sinais de vida e de esperança: a busca incessante e criativa de inserção, proximidade, comunhão, abraço, fraternidade, caminhada de paz autêntica.

Entre uma economia de mercado e uma economia de solidariedade

10. Uma realidade evidente em nosso mundo globalizado é a concentração do poder e das riquezas nas mãos de poucos, de forma que o bem comum é somente o bem de alguns. A economia de mercado, que se auto-regula fora da ética, age com uma lógica de exclusão que beneficia sempre os mesmos, os poderosos. A grande maioria dos habitantes do planeta vive no limite do mínimo vital e, além disso, é manipulada em seus desejos e emoções pelos meios de comunicação, para induzi-la a um consumismo irracional. A distância entre ricos e pobres é escandalosamente sempre mais acentuada. O endividamento de muitas nações, como meio de sobrevivência, somente tornou o problema mais agudo: empobrecidos e, além disso, endividados. As estatísticas mais tímidas mostram que nosso sistema econômico global mantém dois terços da humanidade na pobreza e na miséria. Da mesma forma, o mercado está ligado a uma cultura do imediato e sem raízes.

11. Diante de um sistema que pretende auto-reger-se sem critérios éticos, surgem intensas reflexões na busca de uma ética mundial que parta do respeito pela dignidade inviolável da pessoa humana (cf. GS 63-72) e que seja capaz de garantir um mínimo de justiça para todos. Em toda a parte está havendo uma busca de alternativas mais humanas, diferentes no valor, mas que partilham a oposição à pretensa fatalidade de nossos sistemas desumanizadores: a uma economia *de* mercado, propõe-se a alternativa de uma economia *com* mercado. Diante da globalização cultural, cresce a urgência de uma reavaliação da rica diversidade cultural dos povos. Diante do advento do mercado global e de suas alianças com a tecnologia, procuram-se possibilidades de criar redes de comunicação que valorizem a interdependência de bens e de recursos, com a finalidade de consentir uma vida digna para todos, em particular para os mais pobres. Consolida-se uma consciência global de que não se terá a tão desejada paz sem a justiça nestes níveis. Nesse contexto, muitos deram a vida para fazer seus os sonhos dos excluí-

dos, como sinal supremo do amor e da coerência com o ideal de vida (cf. *LG* 42).

Entre a força da violência e a realização da paz

12. O século XX foi, sem dúvida, um dos séculos mais violentos da história da humanidade. E esta esteira de violência continua hoje com inusitada força, cujos sinais evidentes são a impiedosa destruição da natureza, as formas ocultas de exclusão, os tribalismos, as guerras étnicas, as lutas entre grupos religiosos, os genocídios, a opressão das mulheres, o abuso sexual dos menores, as tramas de sangue que se escondem por trás da corrida armamentista e as muitas outras formas de violência que podem comprometer a paz para sempre.

13. Apesar disso, é certo que o homem contemporâneo toma sempre mais consciência da dinâmica da violência e dos mecanismos para enfrentá-la pessoal e institucionalmente. Os maciços protestos contra as injustiças que impedem a comunhão, as múltiplas redes que trabalham criativamente para educar para a cultura da não-violência e do respeito pela criação, as pequenas ações quotidianas em favor da mútua compreensão e da solução dos conflitos, os homens e as mulheres que lançam a semente da verdade no tecido social da mentira... são sinais significativos de um tempo novo que procura desabrochar em nosso meio.

Do fundamentalismo para o diálogo

14. O crescimento do fundamentalismo é mais um aspecto do nosso tempo. Em termos gerais, pretende garantir com clareza e segurança a identidade através da negação sistemática do outro, do diferente; tenta vários caminhos de justificação para romper os laços de uma humanidade comum; consi-

dera mais importante a pertença a uma determinada ideologia do que a pertença ao gênero humano, com necessidades e desejos comuns. Os defensores desta ideologia baseiam-se na convicção de serem superiores: possuem a verdade e, a priori, consideram os outros no erro; portanto, não se percebe a falta do diálogo. A tentação do fundamentalismo é uma ameaça para todos os grupos e para todos os campos: científico, religioso, político, econômico, artístico... Do fundamentalismo brota a intolerância, o autoritarismo, a coerção, o dogmatismo, o fanatismo, o sectarismo, o sexismo, o racismo, a xenofobia e todas as formas de negação ou de dominação sobre o outro: no fundo, constitui a antítese da fraternidade universal, um caminho seguro para alimentar o ódio e a vingança.

15. Neste quadro, lemos como um verdadeiro sinal dos tempos o esforço dos movimentos para fomentar o diálogo entre culturas, gerações, sexos, religiões e ideologias a fim de ajudar o conhecimento e o reconhecimento recíproco e a busca de caminhos comuns, capazes de instaurar um mundo fraterno nas ricas e sadias diferenças. Nesse âmbito, muitas religiões imprimiram um virada em seus fundamentos mais originais e puros e abriram as portas para a paz e para a solidariedade.

Da imagem para o símbolo

16. Sem dúvida, nossa geração está mais ligada à imagem do que à palavra. Imagens em rápida sucessão passam constantemente diante de nossos olhos com a intenção de prender nossa atenção e induzir-nos a decidir sem refletir. A cultura da imagem reforça o fenômeno do imediato. Separados do passado, vivemos submissos às exigências do presente numa subjetiva relativização dos valores. Nossa vida não é só permanentemente marcada por aquilo que dizem e promovem os meios de comunicação social, mas até as dimensões mais íntimas de nossa existência tornam-se material de exposição e de consumo público. Os meios de comunicação estão intimamente liga-

Capitulum generale Assisi 2003

dos às forças do mercado; entre outras coisas, vivem para mostrar ininterruptamente os conflitos gerados pela violência; comunicam a imagem de uma humanidade presa de um permanente ciclo de frustração.

17. Por outro lado, cresce a consciência de que a cultura da imagem conduz à esterilização da imaginação, à redução do indivíduo a consumidor de imagens. Assim, vemos que se multiplicam as propostas alternativas de espaços educativos que incentivam a capacidade imaginativa e criativa do ser humano, salvaguardando nossa condição de criadores de símbolos. Em nossa sociedade, cresce a alternativa de uma virada simbólica (poesia, rito, pintura, dança, música, gestos), que ajude a unir-se profundamente à verdade pessoal e à transcendência.

18. Na sociedade civil, aumenta a exigência de uma ética dos meios de comunicação, para que eles não sejam somente receptáculos de misérias humanas, mas instrumentos capazes de oferecer imagens reais de justiça, de paz e de integridade da criação e de contribuir para criar uma esperança da importância e do significado globais.

19. A realidade nos confirma que o trigo e a cizânia crescem juntos (cf. *Mt* 13,24-30); isso constitui um convite urgente ao discernimento evangélico para decidir que direção deve tomar nossa caminhada de transformação pessoal e institucional. Percebemos a *crise de fé* provocada por estas realidades como um momento de graça, um *kairós*, que nos desafia a recriar nossa experiência de crentes em sintonia com os desafios de uma época em crise. É uma ocasião de experimentar um credo que faça emergir a totalidade da pessoa e a comprometa com a paz e com o bem. Também a *crise da ética* é vista como um momento de graça para desenvolver uma nova ética da vida, uma ética da coerência que supere a fragmentação mediante uma caminhada de

harmonização e de integração: pensamentos e obras, oração e ação, palavra e trabalho, fé e vida, aspirações do coração para a fé e para a esperança e sua encarnação em formas visíveis (ações, ritos, estruturas).

Capitulum generale Assisi 2003

A resposta do Frade Menor

20. Neste Capítulo, comunicamo-nos em várias línguas, interpretamos textos a partir de premissas por vezes divergentes e reconhecemos em nossa vida muitos elementos negativos de nossa sociedade. Entristecemos-nos a violência e as necessidades da vida quotidiana de todas as regiões do mundo. Partilhamos em nossa carne as ânsias e os medos vividos por nossos contemporâneos. As divisões sociais das quais falamos existem também em nosso meio e na vida pessoal dos Frades com os quais vivemos. Há dificuldades para integrar fé e vida. Num mundo que muda continuamente, há tensões entre nós quando se decide sobre a maneira de harmonizar a realidade de uma Fraternidade universal com as estruturas herdadas da Ordem. Reconhecemos a contínua necessidade de criar ambientes de maior confiança e que fomentem a união mútua. Nossos próprios corpos mostram o sinal do Tau. A vida do Frade menor é uma vida em permanente conversão.

21. Neste momento da história e neste mundo repleto de sinais e de conflitos, quem é o Frade menor? Qual é a forma peculiar de testemunho do Evangelho? Qual deve ser nossa contribuição específica? Durante o Capítulo, tentamos responder a estas perguntas, que tocam as raízes antropológicas e espirituais mais profundas de nossa vocação. Partindo do *Relatório* do Ministro geral, resumimos em cinco pontos nossa reflexão sobre a resposta de fé que nosso tempo exige: o Frade menor é uma pessoa de fé, de diálogo, itinerante, uma pessoa que transmite com alegria uma mensagem e que vive o sinal

da santidade em Fraternidade. Estes cinco elementos, ligados entre si, constituem uma alternativa espiritual simbólica da missão que procuramos viver na Igreja e no mundo. Como Francisco, iniciemos com nossa vida de fé.

A alegria da fé

«Considera, ó homem, a que excelência te elevou o Senhor; criando-te e formando-te segundo o corpo à imagem de seu dileto Filho e, segundo o espírito, à sua própria semelhança» (Adm 5,1).

22. Criado à imagem e semelhança de Deus, o Frade menor interroga-se sobre si mesmo e sobre sua origem: «Quem és tu, Senhor? E quem sou eu?» (cf. *Fior*, 3ª Consid. sobre os estigmas). Através da reflexão, da formação, da experiência e da vida na Igreja, o Frade menor descobre que sua forma de vida começa com a iniciativa de Deus que nos chama à existência, à salvação, à própria vida da Trindade. Essa iniciativa é uma graça da generosidade de Deus. Atraiu-nos a “doçura” de Deus. Provamos seu alimento no dia-a-dia de nossa vida e o atualizamos enquanto co-amantes com Ele (cf. Duns Scotus, *Ordin.* III dist. 28). Presos por este dom de amor, somos movidos pela lei da reciprocidade que nos estimula a convidar os outros a partilhar esta profunda alegria. «Ó Amor que amas / que não encontras quem te ame!» (cf. Jacopone de Todi, *Loa* 79, 5; *2Cel* 196).

23. Durante o Capítulo, duas imagens bíblicas expressaram esta generosidade da vida trinitária de Deus.

a. A imagem do Batismo do Senhor, durante a qual se ouve, proveniente “do alto”, o agrado do Pai: «Este é meu Filho amado, de quem eu me agrado» (*Mt* 3,17). O início da missão do Senhor é «a alegria que o Pai tem no Filho e a alegria que o Filho tem no Pai, que é o Espírito» (Timothy Radcliffe, *Paz e alegria*). No coração da vida de Deus existe uma alegria irresistível.

b. A imagem da Ceia do Senhor, na qual, em meio à crise de seus discípulos, Cristo, movido pelo Espírito, pronuncia uma palavra de amor acompanhada de um ação igualmente de amor: lava os pés de seus discípulos (cf. *Jo* 13,1-20) e dá a si mesmo a eles: «Isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim» (*Lc* 22,19).

Em ambas as imagens encontramos a alegria da fé que se transforma em dom: o servo humilde é capaz de sofrer e de carregar a cruz – para que os outros tenham a vida – como manifestação suprema de seu amor. «Consideremos todos, meus irmãos, o bom Pastor que, para salvar suas ovelhas, sofreu a paixão da cruz» (*Adm* 6,1; cf. *Jo* 10,11).

24. Colocamos primeiramente estas imagens bíblicas para que, neste tempo de medos pessoais, de divisões sociais e de perda de sentido da existência, a “revelação do alto” brilhe como uma explosão de luz em meio à obscuridade do mundo. Além disso, as duas imagens são centrais em nossa tradição de fraternidade, autoridade e missão (cf. *Adm* 4; *2CFi* 6-13), três temas-chave deste Capítulo; são a lente para interpretar os “sinais dos tempos” e para compreender como recriar a importância de nossa existência em meio a uma cultura de imagens imanentes e passageiras. Nessas poderosas imagens bíblicas, vemos que a fé não é uma fórmula nem um simples projeto ascético, não é regida pelas imagens dos meios de comunicação, muitas vezes carregadas de violência e de oportunismo. Ela tem outra fonte: reflete-se na história de Jesus, que nos convida a entrar em seu Batismo para receber a alegria do Pai e a força renovadora do Espírito. No seguimento de Jesus Cristo, somos enviados não só a dar, mas também a dar-nos aos outros (cf. *1Pd* 2,21; *RnB* 1,1). Na itinerância e no diálogo, partilhamos a vida de nossos próximos e oferecemos nosso melhor esforço para criar com eles uma cultura alternativa de sinais capazes de difundir a alegria e a paixão pela vida. «Nada de vós retenhais para vós mesmos, para que totalmente vos receba quem totalmente se vos dá» (*COr* 29).

25. Reunidos na Porciúncula, imersos no clima de oração de São Damião e peregrinos pelas ruas da cidade de Assis, tive-

Capitulum generale Assisi 2003

mos a possibilidade de ver com nossos olhos e de tocar com o coração os centros simbólicos de nossa vida de seguidores de Francisco e Clara. Aqui reconhecemos a linguagem dos sinais do Deus que nos chama a ser portadores de alegria, de comunhão e de solidária partilha. A fé não é só conhecimento, mas também diálogo sempre aberto entre o Deus que fala ao homem na história e o homem que responde a Deus da história: aliança contínua (cf. *Hb* 1,1).

No profundo de si mesmo, o Frade menor experimenta a fé como participação na sabedoria e na alegria que o Pai derramou em toda a criação. O Frade menor contempla a imagem do Filho impressa no próximo e descobre, na recomposição e na comunhão das diferenças, a inabitação do Espírito. Pela fé, o Frade menor vê que «Deus está escondido em cada criatura» (cf. S. Boaventura, *Itin.*, Cap. I-II).

26. Neste Capítulo, mais uma vez queremos reafirmar a decisão de orientar nossa formação, nossa vida na “santidade da Fraternidade”, nosso modo de evangelizar, a partir destas imagens centrais, à luz da verdade da vida trinitária. Encarnando estas imagens de fé, tornaremos crível a vida de Deus; nossa vida com os outros, um dom de paz; nossa própria vida, um canto de alegria, mesmo quando nossas lágrimas tiverem de lavar as feridas daqueles que são atingidos pela injustiça. «Na verdade eu vos digo: chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará. Ficareis tristes, mas vossa tristeza transformar-se-á em alegria» (*Jo* 16,20).

27. Por fim, desejamos indicar as dimensões específicas da vida de fé que, em nosso tempo, necessitam ser realçadas.

- a.** A vida de fé é uma riqueza comum que partilhamos mediante nossas culturas, línguas e identidades nacionais. Somos Frades menores, uma identidade que transcende nossa vocação laical ou clerical. É *em* e *a partir* desta vida em Deus que somos um (cf. *Gl* 3,28).
- b.** Para ser sinal crível, nossa vida de fé deve envolver a totalidade da pessoa: mente, coração, relações, a manei-

ra pela qual olhamos, encontramos, abraçamos e amamos o próximo (cf. *RnB* 23,8-11).

- c. Esta vida de fé abre para a imensidão das possibilidades que Deus oferece ao gênero humano e coloca em nós a exigência ética da encarnação como «o fundamento do que se espera e a prova das realidades que não se vêem» (*Hb* 11,1).
- d. Como Francisco, devemos rezar para receber o dom da fé e abrir-nos ao diálogo com o Deus da história: «iluminai as trevas da minha alma, dai-me uma fé íntegra, uma esperança firme e uma caridade perfeita» (*OCr* 1-2).

O diálogo, caminho para a paz

«Tu alimentaste o teu povo com o alimento dos anjos: de graça enviaste do céu um pão já preparado, que continha todas as delícias e satisfazia a todos os gostos. A substância que lhes deste manifestava a doçura com que tratas teus filhos: adaptando-se ao gosto de quem a consumia, ela se transformava no que cada um desejasse» (*Sb* 16, 20-21).

«E ao afastar-me deles, o que antes me parecia amargo, converteu-se para mim em doçura da alma e do corpo» (*Test* 3).

28. A realidade de Deus presente no diálogo lança suas raízes na Escritura e na experiência de Francisco e de Clara. No tempo atual, caracterizado por divisões e sofrimentos, essa caminhada essencial da encarnação de Deus e de nossa conversão nasce de uma fé capaz de *ver* a “doçura de Deus” nos outros, inclusive no leproso, capaz de *afirmar* com alegria essa bondade e, numa profunda comunhão nascida da compaixão, capaz de *trabalhar* pela justiça e pela paz. O diálogo compromete todas as dimensões de nossa vida com a criação, com a sociedade, com a fraternidade e com a missão. Quando conse-

Capitulum generale Assisi 2003

gue encarnar-se na presença, na palavra, na comunidade e no trabalho, transforma-se em sinal eloqüente da paz que faz calar o grito da violência e do ódio (cf. Raimundo Lulo, *Livro do Gentio*, IV, Epílogo).

29. Aqui em Assis, onde se reuniram os representantes das grandes religiões, enfocamos três dimensões do diálogo que podem constituir um sólido ponto de partida para a reflexão.

30. *Primeira dimensão.* Como se lê no início do Testamento, a vida de conversão de Francisco não tem origem na fuga do mundo, nem numa palavra pronunciada em segredo, nem numa experiência religiosa interior, que deve ser partilhada por uma posição de poder e de superioridade, nem na retirada diante dos desafios de seu tempo, mas na troca, no encontro, no diálogo de abertura e acolhida do próximo, inclusive o próximo mais desfigurado e causa de grande repulsão e “amargura” (cf. *Test* 1-3). Essa trajetória de abertura constante para o outro chega a seu cume no famoso encontro com o Sultão (cf. *1Cel* 57).

Do início ao fim de sua vida, o Espírito guia Francisco – e quer guiar a nós – por um caminho que, por um lado, elimina o isolamento, o individualismo, a dependência das estruturas socialmente aceitáveis mas alienantes e, por outro, conduz à real comunhão com os outros. Esta é a verdadeira resposta que devemos oferecer à crise de fé e à crise da ética de nosso tempo. Somos desafiados a ver Cristo, “doçura do alto”, na condição de sofrimento de qualquer ser humano do planeta e a dirigir nosso rosto para o rosto do sofredor e oferecer-lhe, como Francisco, uma bênção de paz (cf. *L3C* 26). Para ampliar as possibilidades desse diálogo exige-se nossa aberta disponibilidade, que deve responder aos outros da mesma forma que a iniciativa de Deus instaura uma dinâmica de livre reciprocidade (cf. *SRS* 38-40. 44-45). É preciso ter coragem. Abrindo-nos ao mistério do outro, optamos por entrar numa terra santa (cf. *Ex* 3,5). Por isso, exige-se reverência, humildade, respeito, docilidade e paz: «sejam man-

sos, pacíficos, modestos, afáveis e humildes, tratando a todos honestamente, como convém» (RB 3, 11).

31. Segunda dimensão. O desenvolvimento de uma mentalidade de diálogo e a realização de suas exigências colocam-nos necessariamente numa caminhada de purificação (cf. *COR* 62-65). Como itinerário que pode afastar as pessoas dos muitos possíveis caminhos de vingança, de preconceito, de exploração e de violência, o diálogo exige uma parada em nossas atividades habituais, na rotina e nas formas hiper-ativas de relacionamento que caracterizam nossa sociedade; o diálogo exige uma formação e uma prática constante na disciplina da escuta e do acolhimento. Com o diálogo, a pessoa abandona o individualismo e descobre sua verdadeira individualidade, sua identidade (*haecceitas*) diante de Deus (Duns Scotus, *Ord.* II.d.3, p.1, q.5): de fato, «quanto o homem vale diante de Deus, tanto vale e não mais» (*Adm* 19,2). Nossas Fraternidades e nossos lugares de trabalho assumem o desafio ético de serem sinais que suscitam o desejo de outra caminhada de convivência e de relacionamento: aquela que conduz à plenitude da vida mediante a via do diálogo.

32. Terceira dimensão. Essa caminhada de conversão ao diálogo, baseado numa fé capaz de ver, implica na rigorosa prática da *obediência* à Palavra de Deus, como Palavra que se encarna na Eucaristia (cf. *COR* 62-65), no corpo – não sempre digno – da Igreja (cf. *Test* 5-13), no frágil corpo de nossa Fraternidade (cf. RB 10), em nossos irmãos e irmãs, em nosso próximo (cf. *2CFi* 1). Do mesmo modo, a *autoridade*, que é dom e não privilégio, torna-se *serviço* no seguimento de Cristo (*Adm* 4,2). Esse diálogo de conversão compromete-nos com uma vida de *pobreza* que nos abre à riqueza da troca pessoal, afetiva e à partilha dos bens, torna-nos acolhedores diante do dom do próximo e, simultaneamente, exige que ponhamos à disposição os dons que cada um recebeu: «a medida com que medirdes será usada para medir-vos» (*Lc* 6,38). Com o exercício do diálogo, nossa castidade – purificação e oferta de nossos afetos – será aberta ao diálogo com Deus, com os homens e as mulheres, com as culturas, com as religiões e com a cria-

Capitulum generale Assisi 2003

ção. Todo o nosso ser será orientado para a saudação de paz. Em nossa tradição franciscana, a descoberta do significado antropológico dos votos ajudar-nos-á a converter-nos hoje em sinais do Reino e em homens do futuro (VC 27).

Itinerância, irmã da paz

«Quando entrardes numa casa, dizei primeiro: Paz a esta casa» (Lc 10,5)

«... e morem nelas sempre como forasteiros e peregrinos» (Test 24).

33. Hoje, mais do que nunca, muitos homens, mulheres e crianças emigram em busca de melhores condições de vida: alimentação, trabalho, casa, paz. Em contato com nossa humanidade ferida, sentimo-nos convidados (cf. *Test* 2-3) pelo Espírito a iniciar uma caminhada de itinerância, porque estes seres humanos, nossos irmãos, são a imagem viva de Cristo que queremos seguir: «o amor de Cristo nos impele» (2Cor 5,14). A única bagagem que esta caminhada solidária com os pobres exige de nós é a expropriação: «não leveis coisa alguma pelo caminho, nem bastão nem sacola nem pão nem dinheiro nem duas túnicas. Em qualquer casa onde entrardes, permaneci nela, até partirdes daí » (Lc 9,3-4). A itinerância é a expressão da disponibilidade absoluta para ir anunciar o Reino entre os pobres e para deixar-se evangelizar por eles (cf. CCGG 93 §2; 97). Pomo-nos a caminho com os outros para criar juntos uma comunidade na qual se partilham os bens. Vemos a Cristo nos pobres e pedimos que todos possam gozar da «graça de trabalhar» (RB 5,1). Mobilizamo-nos para protestar pacificamente quando as estruturas não fomentam o direito a uma vida digna. Com a itinerância, penetramos nos lugares nevrálgicos, onde nossa sociedade experimenta grandes desigualdades e tensões, para testemunhar a paz e a justiça: as fronteiras entre as diversas religiões (cristianismo, hebraísmo, islamismo, budismo, hinduísmo), as divisões entre ricos e pobres, podero-

sos e fracos, escravos e livres, homens e mulheres. Com muitos homens e mulheres que sonham um mundo novo, queremos ser artífices de uma *cultura de esperança e de paz* (João Paulo II, *Angelus* de 18.11.01). Como Frades menores, esforçamo-nos por abrir espaços e construir novas relações que honram a comum dignidade humana, nascida de Deus, nosso Criador, e destinada à perfeição em Cristo (cf. *RnB* 23,31-34). Encontramo-nos num caminho marcado por uma “humanidade crucificada”.

34. Descobrimos que a itinerância não é um valor imposto de fora, mas que surge do interior de nossa experiência. E o experimentamos sempre mais, seja em nossas Fraternidades, seja institucionalmente, mesmo se, às vezes, por motivo da desorientação e da obscuridade, sentimos a tentação de opor-nos à mudança. Todavia, estamos decididos a insistir, para que, numa perspectiva de fé, as mudanças nos tornem capazes de partilhar a sorte de nossos irmãos, que o mundo atual tornou pobres, e de compreender as dimensões reais de sua esperança.

35. Uma coisa, porém, é certa: estamos nos movendo. No último Conselho plenário e neste Capítulo verificamos que está mudando a tipologia de nossas Províncias e de nossa Ordem: com força, surgem Entidades jovens, enquanto as velhas Entidades vêem que se reduzem suas possibilidades; regiões do mundo que, por decênios, foram politicamente mudas, agora falam com voz forte. Temos dedicado grande parte de nosso tempo a examinar o relacionamento entre quem estamos nós hoje e como temos vivido no passado. Nossas estruturas foram submetidas a um processo de mudança com a finalidade de redefinir os Noviciados, as Províncias, as Custódias, as Conferências e as qualidades necessárias aos animadores das Fraternidades. A variedade das línguas usadas nas liturgias e nos encontros são, igualmente, uma pequena demonstração da compreensão de nossa identidade como Fraternidade – universal-em-missão. A precariedade econômica, a progressiva diminuição – também por morte violenta – do número dos Frades e outros múltiplos fatores pesam sobre nossas

Capitulum generale Assisi 2003

Fraternidades locais, convidando-as à interdependência, à coragem e a esperar contra toda a esperança. Por outro lado, surgem numerosos projetos – e são acolhidos –, que procuram harmonizar de maneira nova os aspectos de nossa vida a partir da itinerância, como podemos ver pelos testemunhos que apareceram na publicação: *Dos sinais dos tempos ao tempo dos sinais* (Cúria geral, Roma 2002). Nossa itinerância interna cruza com a experiência itinerante de nossos povos, sinal de uma comum condição humana a caminho da libertação e da paz. Esta experiência itinerante está mudando nosso modo de estarmos presentes no mundo, de trabalhar e de evangelizar, nossas exigências éticas necessárias para sermos verdadeiramente irmãos. Nessa caminhada itinerante, sentimos um forte apelo à santidade em Fraternidade: «E onde quer que estiverem e se encontrarem os irmãos, mostrem-se afáveis entre si. E, com confiança, manifeste um ao outro as suas necessidades, porque, se uma mãe ama e nutre seu filho carnal, com quanto maior diligência não deve cada um amar e nutrir a seu irmão espiritual?» (RB 6,8-10; cf. CCGG 38ss).

36. As realidades itinerantes de nossa forma de vida são uma semente de renovação. Neste Capítulo lançamos um apelo para retornar ao essencial de nossa vida.

A itinerância nos pede que tenhamos presentes alguns “nutrimentos para a caminhada”.

- a.** *A contemplação, a oração, a meditação, a leitura orante da Escritura e a Eucaristia* (cf. S. Boaventura, *Itin.*, Prólogo 4; *O Caminho que leva ao “lugar do coração”*. *Achegas para descobrir interioridade e silêncio na vida franciscana*, Roma 2003). A itinerância na vida do Frade menor é, em primeiro lugar, um itinerário interior para sentir a verdade da própria pessoa e para ouvir a presença absoluta do Deus que chama. Portanto, é um itinerário de toda a pessoa para o Deus que cria, salva e liberta. Assim, as realidades enumeradas ajudam a nutrir nossa ética com a seiva do verdadeiro amor. Não podemos prosseguir na caminhada com o coração vazio:

a meta transformar-se-á em distração e desfalecimento. Caminhar sem a luz da fé gera cegueira e agitação.

- b.** *Partilha da vida com os outros em Fraternidade.* Caminhar sem nossos irmãos e irmãs leva-nos ao isolamento e ao desespero. Comer sozinho produz aridez do espírito. A itinerância é um caminho que percorremos com os outros. A Fraternidade é graça para perseverar na caminhada.
- c.** *A memória do passado,* que nos é dado por nossas instituições, por nossa tradição intelectual, por nossa espiritualidade franciscana, por nossos sadios costumes, por nossas pessoas sábias. Devemos manter esse laço com a tradição, porque mover-se sem raízes gera uma caminhada sem sabedoria e sem horizontes (cf. Pedro João Olivi, *Principium I in Sacram Scripturam*, de studio).
- d.** *Disciplinas e estruturas que sustentam nossa itinerância.* É imprescindível que nos desapeguemos do trabalho frenético para reunir-nos no silêncio e no recolhimento; para concentrar-nos no auto-conhecimento, no trabalho manual, na leitura, no estudo e na partilha de nossa fé. Sem esta parada no caminho, não seremos capazes de descobrir a terra árida (cf. *RnB* 22,10-26) de nosso coração (ativismo, individualismo, apropriação, apego, nostalgia, enjôo, distração, busca ideológica da segurança, exclusão) nem de valorizar adequadamente as irmãs que acompanham a itinerância: a liberdade, a alegria, o sentido de pertença, a abertura, a auto-estima, a clareza de pensamento, a admiração pela criação e por tudo o que existe como “dom”.

A alegria da evangelização

«Pois para isto Ele vos mandou pelo mundo universo, para dardes testemunho de sua voz, por vossas palavras e vossas obras, e fazerdes saber a todos que ninguém é todo-poderoso senão Ele» (COr 9)

37. A evangelização é a graça e a vocação própria da Igreja (cf. EN 14). Inicia com a apaixonada solidariedade de Deus pelo gênero humano e pela história: «Deus tanto amou o mundo que lhe deu seu Filho único» (Jo 3,16). Em cada momento histórico, o cristianismo procura prolongar com criatividade a missão do Filho, que, por ação do Espírito, tornou presente a alegria do Reino. E nós, voltando ao essencial de nossa espiritualidade franciscana, recordamos que «nosso claustro» é o mundo (cf. SCom 63) e nossa missão no mundo é tornar conhecida a voz e o senhorio de Deus. Por isso, queremos colocar nosso coração onde está nosso único tesouro: o Reino (cf. Mt 6,21; REr 6), e reconhecer Jesus como modelo de toda a evangelização e missão. Portanto, fazemos nosso seu discurso programático: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para anunciar a boa-nova aos pobres; enviou-me para proclamar aos aprisionados a libertação, aos cegos a recuperação da vista, para pôr em liberdade os oprimidos e para anunciar um ano da graça do Senhor» (Lc 4,18-19).

Como Frades menores, não podemos ir em nosso nome, mas como enviados pelo Senhor que nos fala através da comunidade na Igreja. Não queremos escolher arbitrariamente os lugares onde morar, mas nos deixamos seduzir pelos claustros esquecidos, pelos claustros inumanos onde a beleza e a dignidade da pessoa são continuamente ofuscadas (cf. RnB 9,2). Propomo-nos alargar o espaço de nossa tenda (cf. Is 54,2) para fazer nossas as alegrias e as tristezas dos mais pobres e daqueles que mais sofrem. A Igreja confiou-nos a missão de «fazer crescer a espiritualidade da comunhão, primeiro no seu seio e depois na própria comunidade eclesial e para além dos seus confins, iniciando ou retomando incessantemente o diálogo da caridade, sobretudo nos lugares onde o mundo de hoje aparece dilacerado pelo ódio étnico ou por loucuras homicidas» (VC

51). Não queremos ir como donos da verdade, mas como humildes servos (cf. *RnB* 23,7) de uma mensagem que recebemos gratuitamente e que gratuitamente devemos dar (cf. *Gl* 3,18). Nosso coração sente a necessidade de anunciar a todas e a cada uma das criaturas que encontramos sua condição de filhos e de filhas do mesmo Pai, irmãos nossos, portadores da mesma esperança, e de assumir coerentemente as conseqüências práticas deste anúncio. O que fazemos aos menores de nosso mundo, tê-lo-emos feito ao próprio Senhor (cf. *Mt* 25,31-46).

38. Nossa principal missão «está inscrita no próprio coração» de nossa forma de vida em fraternidade e minoridade (cf. *VC* 25). Nossa vida de Frades menores deve ser sinal escatológico, parábola do Reino. «Quanto mais íntima for a dedicação ao Senhor Jesus, mais fraterna a forma comunitária de existência, mais ardoroso o empenho na missão específica» (*VC* 72) dos Frades menores, tanto mais seremos autênticos evangelizadores. «Quanto mais se vive de Cristo, tanto melhor se pode servi-lo nos outros, aventurando-se até aos postos de vanguarda da missão, e abraçando os maiores riscos» (*VC* 76).

39. Por causa dessa profunda sintonia com a pessoa e a obra de Jesus Cristo, pedimos a todos que se alegrem pela diversidade dos carismas que o Espírito suscita entre os Frades e que se traduz em novas formas de presença e de evangelização. Nada mais estranho ao franciscanismo do que a visão uniforme e homogênea dos modos de evangelização. Com efeito, faz parte de nosso carisma descobrir, estimular e celebrar as iniciativas que procuram encarnar com criatividade e radicalidade o Evangelho. No âmbito da evangelização, podem ser aplicadas as intuitivas palavras que Francisco disse a seus Frades: «E os irmãos que forem capazes de trabalhar, trabalhem e exerçam a profissão que aprenderam, enquanto não prejudicar o bem de sua alma e eles puderem exercê-la honestamente» (*RnB* 7,4). Somos convidados, também, a mostrar com clareza o sinal da pluralidade e da aculturação mediante uma ação evangelizadora levada adiante junto aos leigos, aos homens e às mulheres, aos jovens e ao idosos.

Capitulum generale Assisi 2003

40. Hoje, são particularmente significativas as Fraternidades internacionais que, numa mentalidade de negação sistemática do outro, testemunham a comunhão entre os povos, as raças e as culturas. Temos o firme desejo de insistir em que nossa vida, onde quer que nos encontremos, anuncie com clareza a possibilidade de um mundo acolhedor, justo, tolerante e pacificado.

41. Como Frades menores, sentimo-nos fortemente comprometidos a avaliar com humildade e verdade toda a nossa vida, as nossas estruturas e as atividades de evangelização, para ver se testemunhamos de forma significativa o espírito das bem-aventuranças; se realmente cooperamos na transformação do mundo segundo Deus. Sabemos que, apesar de nossas infidelidades, o Senhor mantém viva sua confiança em nós e nos diz sem cessar: «Vem!» (*Jo* 1,39) e «Vai» (*Mc* 16,15). Deixemo-nos conquistar novamente por Ele (cf. *Fl* 3,12).

A santidade em Fraternidade

«Como é santo e dileto, agradável, humilde, pacífico, suave, amável e sobretudo desejável ter tal irmão... nosso Senhor Jesus Cristo (1CFi 8).

42. Neste Capítulo, temos reafirmado com frequência que nossa forma de vida é o primeiro modo de evangelizar (cf. CCGG 87 §§ 1-2). Somos uma Fraternidade-em-missão que mostra visivelmente a alegria da fé na santidade de Deus, que é comunhão de amor de três pessoas. «Sede também santos em todas as ações, pois está escrito: Sede santos porque eu sou santo» (*1Pd* 1,116; cf. *Lv* 11,44). Fomos criados à imagem de Deus. E nesta imagem coexistem harmoniosamente a unidade, a individualidade e a comunhão. A realização desta imagem é o nosso projeto evangélico de Fraternidade-em-missão. «Como o Pai me amou, assim também eu vos amei. Permaneci no meu amor» (*Jo* 15,9). «Quando vier o Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas

do que ouvir, e vos anunciará as coisas futuras. Ele me glorificará porque receberá do que é meu e vos anunciará. Tudo que o Pai tem é meu. É por isso que eu disse: receberá do que é meu e vos anunciará» (Jo 16,13-15). No contexto de nossa conversão fraterna aos outros mediante a caminhada da fé, do diálogo e da itinerância, devemos dar testemunho de um Deus que é comunhão na diversidade e diversidade na comunhão.

43. Segundo a experiência de Francisco e de seus irmãos e irmãs, na oração de Jesus recebemos a vocação a sermos santos como Deus é santo. Com a graça de Jesus e em suas pegadas, nossa vida permanece aberta ao futuro. Nossa tarefa é sanar as feridas do nosso mundo e comunicar a todos a unidade que provém da origem e do destino comuns. «Pai santo, não rogo apenas por eles, mas por todos aqueles que acreditarem em mim pela sua palavra. Que todos sejam um como tu, Pai estás em mim e eu em ti, para que eles estejam em nós, e o mundo creia que tu me enviaste» (Jo 17,20-21; cf. RnB 22,54-55). Nossa resposta à pergunta: «Quem és tu, Senhor? E quem sou eu?» (cf. n. 22), encontra seu núcleo e seu significado na vivência da santidade em Fraternidade.

44. Esta forma de vida ou *conversatio* exige uma fé que impele a percorrer o caminho do encontro e do diálogo; conduz-nos aos lugares das divisões sociais, onde nos unimos a nossos irmãos e irmãs num projeto comum de paz e de justiça (cf. CCGG 69); torna-se «espelho e exemplo para todos aqueles que vivem no mundo» (TestC 20); encarna-se nos lugares e nas estruturas locais, provinciais e internacionais onde vivemos juntos como “membros da única família”; transforma-se em símbolo e exemplo da vida futura, quando a exprimimos (cf. RB 3,1-4; 5,2; 6,8-10; 10,2-5; Test 19-26):

- em nosso modo de rezar juntos (cf. CCGG 23ss);
- no viver juntos, partilhando o que somos e o que temos (cf. CCGG 39-43);
- em sermos «servos e submissos a todos» (cf. CCGG 64);
- na maneira de cuidar dos doentes (cf. CCGG 44);
- aos dirigir-nos a todas as criaturas e à criação toda com a saudação: «O Senhor te dê a paz (cf. LP 101; EP 26).

Capitulum generale Assisi 2003

45. «Como é bom e agradável que os irmãos vivam unidos» (Sl 133,1). Também assim temos descoberto que o dever de ser uma Fraternidade-em-missão inclui um grande desafio de conversão. Procuremos em nosso coração e em nossa mente, através de nossas mãos e de nossas línguas, as maneiras e tornar visível a realidade de nossa vocação. «A metodologia missionária que encontra maior resistência é precisamente a do Evangelho, o ir dois a dois pelo mundo, vivendo reconciliados em Fraternidade» (Ministro geral, *Apresentação do Relatório ao Capítulo III,5*).

Vocavit nos Deus ut eamus per mundum

46. Concluindo nossa reflexão, propomos a nós mesmos e a todos os Frades que assumam um sólido itinerário de formação permanente e inicial que considere o estudo como uma das suas componentes essenciais (cf. *RS* 31), um itinerário formativo de conversão que toque todas as dimensões de nossa vida (cf. *RFF* 45). Num tempo de crise da fé e da ética, como é o nosso, permanecendo fiéis à nossa época, necessitamos retornar às fontes de nossa tradição iluminada por seus santos, por suas personagens, por seus mestres de espiritualidade, de cultura e de evangelização. Que saibamos agir em nosso tempo como eles souberam agir no seu: acompanhar-nos-ão e iluminarão nossa caminhada.

As palavras e os desafios parecem bastante simples. É o caminho do Evangelho: a Palavra veio na alegria e com simplicidade, no diálogo e na itinerância; veio em minoridade para anunciar a Boa Nova. O Senhor, Palavra feita carne, não recusou ser nosso irmão; deu sua vida por seus amigos; resuscitou para afastar nossas dúvidas e temores.

Um dia prometemos a Deus «seguir mais de perto o Evangelho e as pegadas de nosso Senhor Jesus Cristo» (*CCGG* 5 §2). Que o Senhor nos conceda pronunciar, também hoje e sempre, nosso pequeno “sim” a este grande dom do Deus encarnado.

Capitulum generale Assisi 2003

*«Eterno Deus onipotente, justo e misericordioso,
concedei a nós, míseros, praticar por vossa causa
o que reconhecermos ser vossa vontade
e querer sempre o que vos agrada, a fim de que,
interiormente purificados, iluminados
e abrasados pelo fogo do Espírito Santo,
possamos seguir as pegadas de vosso Filho, nosso Senhor
Jesus Cristo,
e unicamente por vossa graça
chegar até vós, ó Altíssimo
que em Trindade perfeita e Unidade simples
viveis e reinais na glória
como Deus onipotente por toda a eternidade».
(COR 50-52)*

Siglas e abreviações

Sagrada Escritura

Ap	Apocalipse
1Cor	1ª Carta aos Coríntios
2Cor	2ª Carta aos Coríntios
Ex	Êxodo
Fl	Carta aos Filipenses
Gl	Carta aos Gálatas
Gn	Gênesis
Hb	Carta aos Hebreus
Is	Isaías
Jo	Evangelho de São João
1Jo	1ª Carta de São João
Lc	Evangelho de São Lucas
Lv	Levítico
Mc	Evangelho de São Marcos
Mt	Evangelho de São Mateus
1Pd	1ª Carta de São Pedro
Rm	Carta aos Romanos
Sb	Livro da Sabedoria
Sl	Salmos
1Ts	1ª Carta aos Tessalonicenses

Escritos de São Francisco de Assis

Adm	Admoestações
1CCus	1ª Carta aos Custódios
1CFi	Carta aos Fiéis (1ª redação)
2CFi	Carta aos Fiéis (2ª redação)
COr	Carta a toda a Ordem
OrC	Oração diante do Crucifixo
RB	Regra Bulada
REr	Regra para os Eremitérios
RnB	Regra não Bulada
Test	Testamento

Capitulum generale Assisi 2003

Biografias de São Francisco de Assis

1Cel	Tomás de Celano, Vida primeira
2Cel	Tomás de Celano, Vida segunda
EP	Espelho da Perfeição
Fior	Fioretti de São Francisco
L3C	Legenda dos três Companheiros
LP	Legenda perusina
SCom	Sacrum commercium

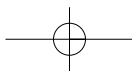
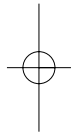
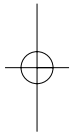
Escritos de Santa Clara de Assis

3CIn	Terceira carta a Inês de Praga
TestC	Testamento de Santa Clara

Outras siglas

CCGG	Constituições gerais OFM
EN	Paulo VI, Exortação <i>Evangelii nuntiandi</i> , 1975
GS	Concílio Vaticano II, Constituição pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
LG	Concílio Vaticano II, Constituição dogmática <i>Lumen Gentium</i>
NMI	João Paulo II, Carta <i>Novo millennio ineunte</i> , 2001
OA	Paulo VI, Carta apostólica <i>Octogesima adve- niens</i> , 1965
RFF	Ratio Formationis Franciscanae, Cúria geral, Roma 2003
RS	Ratio Studiorum. “In notitia veritatis proficere” Cúria geral, Roma 2001
SRS	João Paulo II, Encíclica <i>Sollicitudo rei socialis</i> , 1987
VC	João Paulo II, Exortação <i>Vida consagrada</i> , 1996

**PARA A REFLEXÃO
PESSOAL E FRATERNA**



1.

«Queremos tornar-nos eco do “sim” de Deus à criação...; de sua total solidariedade com todos...; do seu pleno “sim” a todas as criaturas para que vivam na paz e na justiça. Comprometemo-nos a encarnar esta mensagem de esperança na concretude de nossa vida pessoal e fraterna...» (n. 1).

• **Ler**

“*Encher a terra com Evangelho de Cristo*”, n. 59; *Partir de Cristo*, Instrução da Congregação para os IVCSVA, n. 33.

• **Refletir**

Que conseqüências tem essa missão na vida pessoal e na vida fraterna? Que mudanças exige? Indicar três aspectos nos quais concretizar-se-iam estas mudanças.

2.

«Sobretudo, vemos a necessidade de não domesticar as palavras proféticas do Evangelho, para adaptá-las a um cômodo estilo de vida... Reconhecemos a urgência de voltar ao essencial de nossas experiência de fé e de nossa espiritualidade...» (n. 2).

• **Ler**

Toda a *Regra bulada*; *CCGG* 1 e 5; *Partir de Cristo*, nn. 24-25.

Capitulum generale Assisi 2003

• **Refletir**

Qual é nossa atitude, na vida pessoal e na vida fraterna, diante das exigências radicais do Evangelho e da Regra? Que elementos você considera essenciais para nossa espiritualidade? Quais deles deveriam ser fortalecidos, em nível pessoal e na Fraternidade local e provincial? À luz da fórmula da profissão, que aspectos de sua vida você crê que devam ser consolidados para responder melhor às exigências do seguimento de Cristo?

3.

«Não podemos contentar-nos em exaltar as obras de nossos antepassados; antes, devemos inspirar-nos nelas para realizar a tarefa que nos é confiada em nosso fragmento de história» (n. 3).

• **Ler**

Admoestações 6 e 7; Vida consagrada, n. 110.

• **Refletir**

Você crê que nós, Frades menores, estamos escrevendo uma página da história franciscana que corresponde aos nossos dias? Que aspectos positivos poderia indicar? De quais sente falta? Faça duas propostas para responder a este chamado do Espírito.

4.

«Um elemento essencial da caminhada cristã é a capacidade permanente de perscrutar os sinais dos tempos e de interpretá-los à luz do Evangelho» (n. 6).

• **Ler**

Lc 12,56; CCGG 102 §2.

• **Refletir**

Desses textos, que conseqüências derivam para sua vida e para a vida da Fraternidade? Em sua opinião, quais são os “sinais

dos tempos” mais importantes no atual momento da Igreja, da sociedade e de sua vida? Quais são os sinais positivos das “sementes do Evangelho” presentes na realidade em que vivemos?

5.

«Sentimo-nos chamados a iniciar... a caminhada do discernimento evangélico» (n. 7).

• *Ler*

Vida consagrada, n. 73; *Partir de Cristo*, n. 12; *Novo millennio ineunte*, n. 3; *Vós sois todos irmãos*, III, 7...

• *Refletir*

Você vive numa atitude de discernimento para «distinguir o que vem do Espírito daquilo que lhe é contrário» (VC 73)? Que meios você usa nesta tarefa? Sua Fraternidade local e provincial se coloca na lógica do discernimento? Indique dois aspectos concretos sobre os quais se baseia sua resposta. Como sua Entidade se coloca diante da necessidade de refundar nossa vida e missão em valores evangélicos e franciscanos, e da exigência de redimensionar nossas presenças a fim de torná-las mais significativas?

6.

As tensões e as crises que afligem os homens e as mulheres de hoje, atingem também a nós, Frades menores. Também nós experimentamos a tensão entre a economia de mercado e uma economia baseada na solidariedade (cf. nn. 10-11), entre a prática da violência e o empenho pela paz (cf. nn. 12-13), entre o fundamentalismo e o diálogo (cf. nn. 14-15), entre o abuso da imagem e o desafio do símbolo (cf. nn. 16-18). Também nós sentimos em nossa carne – e com frequência pagamos um alto preço por isso – a crise de fé, a crise ética (cf. n. 19) e muitos outros «elementos negativos de nossa sociedade» (n. 20).

• *Ler*

“*Encher a terra com o Evangelho de Cristo*”, nn. 190-194.

Capitulum generale Assisi 2003

• **Refletir**

Como você e os Frades de sua Fraternidade local e provincial vivem estas tensões? Como um momento de graça que nos obriga a recriar nossa experiência de crenças para responder aos desafios de uma época em crise ou como uma situação de morte? De que modo nos atingem os “sinais de morte” que percebemos ao nosso redor? Enumere alguns sinais de esperança presentes nestas tensões.

7.

«Num mundo que muda continuamente, há tensões entre nós quando se decide sobre a maneira de harmonizar a realidade de uma Fraternidade universal com as estruturas herdadas da Ordem» (n. 20).

• **Ler**

CPO/2001, *Documento final*, pp. 5-8; *Vocavit nos Deus ut eamus per mundum*, Relatório ao Capítulo geral, de Frei Giacomo Bini, nn. 199-201.

• **Refletir**

Qual é sua reação diante do necessário redimensionamento de nossas estruturas para pô-las a serviço da vida? Qual é sua atitude e qual a de sua Entidade diante das necessidades da Fraternidade universal? Qual é o teor de solidariedade – em nível do pessoal, da economia, da contribuição de idéias... – com os projetos da Ordem? Como incrementar o sentimento de solidariedade?

8.

«Reconhecemos a contínua necessidade de criar ambientes de maior confiança e que fomentem a união mútua» (n. 20).

• **Ler**

RB 6.7-8; CCGG 38-42; *A Ordem hoje: reflexões e perspectivas*, III,1; *Evangelizar no diálogo*, Linhas diretivas; *Ratio Formationis Franciscanae*, nn. 70-76; *A vida fraterna em*

comunidade, nn. 29-35; *Vós sois todos irmãos*, III,6; *Vocavit nos Deus ut eamus per mundum*, Relatório ao Capítulo..., n. 202; *Partir de Cristo*, n. 28.

• **Refletir**

O diálogo inclui o exercício de várias virtudes: reverência, humildade, respeito, amabilidade, paz. Que virtudes ligo ao diálogo? Que nível de diálogo, de familiaridade e de colaboração existe em sua Fraternidade? Existe a consciência de pertencer a uma família: Fraternidade local, provincial, universal? Que meios poderiam ser utilizados para fazer crescer o sentido de pertença? Como nos formamos para uma verdadeira vida de comunhão em Fraternidade?

9.

«Recriar a importância de nossa existência em meio a uma cultura de imagens imanentes e passageiras» (n. 24) é uma das maiores provocações para o presente e o futuro de nossa vida e missão.

• **Ler**

“*Encher a terra com o Evangelho de Cristo*”, nn. 190-194; *Partir de Cristo*, nn. 12-19.

• **Refletir**

O que isso tem a ver com nossa vida pessoal e comunitária? Que aspectos concretos têm necessidade de conversão para dar significatividade à nossa vida?

10.

«Na itinerância e no diálogo, partilhamos a vida de nossos próximos e oferecemos nosso melhor esforço para criar com eles uma cultura alternativa de sinais capazes de difundir a alegria e a paixão pela vida» (n. 24).

Capitulum generale Assisi 2003

• **Ler**

“*Encher a terra com o Evangelho de Cristo*”, nn. 122-126.157-164.

• **Refletir**

Que sinais de vida desejamos difundir? Em que medida somos artífices de uma cultura de esperança e de paz (n. 33)? Que comportamentos exige esta cultura, em nível pessoal e de vida fraterna? Que meios concretos estamos procurando utilizar para criar semelhante cultura no ambiente em que vivemos e desenvolvemos nossa missão de Frades menores?

11.

«A fé não é só conhecimento, mas também diálogo sempre aberto entre Deus que fala ao homem na história e o homem que responde a Deus da história: aliança contínua» (n. 25).

• **Ler**

Mt 13,31-32; Novo millennio ineunte, nn. 32-39; *Partir de Cristo*, nn. 24-26; *Ratio Formationis Franciscanae*, nn. 66-69.

• **Refletir**

Quando falamos de fé, o que entendemos? Você pode trazer alguns exemplos de pessoas que estão oferecendo um verdadeiro testemunho de fé? À luz do n. 27, que dimensões específicas de nossa vida de fé devem ser mais acen tuadas em nosso tempo? Como nos formamos para uma verdadeira vida de comunhão com o Senhor?

12.

«O diálogo compromete todas as dimensões de nossa vida com a criação, com a sociedade, com a fraternidade e com a missão» (n. 28).

• **Ler**

“*Encher a terra com o Evangelho de Cristo*”, nn. 157-170.

- **Refletir**

Como nos formamos para o diálogo? Como formamos para o diálogo em todos os seus aspectos? Tendo presente os nn. 30-32, indique três aspectos pelos quais você se sente chamado a crescer e pensa que sua Fraternidade deva crescer em relação ao diálogo como caminho de paz.

13.

Os números 30-32 do Documento do Capítulo Geral, convidam-nos a refletir sobre três dimensões do diálogo.

- **Ler**

“*O Senhor te dê a paz*”, n. 30-32.

- **Refletir**

Escolha três comportamentos que fomentem a «conversão para o relacionamento» ou para o diálogo.

14.

«Estamos decididos a insistir, para que, numa perspectiva de fé, as mudanças nos tornem capazes de partilhar a sorte de nossos irmãos que o mundo atual tornou pobres, e de compreender as dimensões reais de sua esperança» (n. 34).

- **Ler**

Partir de Cristo, n. 23; *Ratio Formationis Franciscanae*, nn. 77-83.

- **Refletir**

Como você e sua Fraternidade vivem as mudanças que acontecem na Igreja, na Ordem e no mundo? Com resignação ou com paixão?

15.

«Nesta [nossa] caminhada itinerante, sentimos um forte apelo à santidade em Fraternidade» (n. 35).

Capitulum generale Assisi 2003

• **Ler**

A Ordem hoje: reflexões e perspectivas, I; Vocavit nos Deus ut eamus per mundum, Relatório ao Capítulo..., nn. 149ss.

• **Refletir**

Como você nutre sua itinerância (cf. n. 36)? O que lhe sugere a expressão «santidade em Fraternidade»?

16.

«Quanto mais íntima for a dedicação ao Senhor Jesus, mais fraterna a forma comunitária de existência, mais ardoroso o empenho na missão específica» (VC 72) dos Frades menores, tanto mais seremos autênticos evangelizadores. «Quanto mais se vive de Cristo, tanto melhor se pode servi-lo nos outros, aventurando-se até aos postos de vanguarda da missão, e abraçando os maiores riscos» (n. 38).

• **Ler**

CCGG 83-88; Partir de Cristo, n. 9; Novo millennio ineunte, n. 40; Vida consagrada, nn. 94-95; “Encher a terra com o Evangelho de Cristo”, nn. 47-104.

• **Refletir**

O que lhe sugere a expressão: «Ninguém pode dar o que não tem»? Enumere algumas causas pelas quais, enquanto alguns se aventuram «aos postos de vanguarda da missão» e aceitam «os maiores riscos», outros têm medo de levar a termo a própria missão específica de Frades menores? Qual é a sua/nossa experiência real de Fraternidade evangelizadora?

17.

«Nada mais estranho ao franciscanismo do que a visão uniforme e homogênea dos modos de evangelização. Com efeito, faz parte de nosso carisma descobrir, estimular e celebrar as iniciativas que procuram encarnar com criatividade e radicalidade o Evangelho» (n. 39).

- **Ler**

RnB 7; RB 5; CCGG 76-82; Vocavit nos Deus ut eamus per mundum, Relatório ao Capítulo..., nn. 156-160.

- **Refletir**

Quais são as formas de evangelização em sua Fraternidade provincial? Respeitam o princípio da busca necessária para «encarnar com criatividade e radicalidade o Evangelho»? Sugira alguma outra maneira de evangelizar, que poderia ser realizada em sua Fraternidade local e provincial para melhor responder às exigências concretas do ambiente em que vivem e trabalham os Frades.

18.

«Devemos dar testemunho de um Deus que é comunhão na diversidade e diversidade na comunhão» (n. 42).

- **Ler**

Partir de Cristo, nn. 28-31.

- **Refletir**

Nossa vida é “sinal” de Deus comunhão? Indique alguns sinais positivos e outros negativos.

19.

Nossa *forma de vida* «exige uma fé que impele a percorrer o caminho do encontro e do diálogo; conduz-nos aos lugares das divisões sociais, onde nos unimos a nossos irmãos e irmãs num projeto comum de paz e de justiça...» (n. 44).

- **Ler**

CCGG 89-110; Vida consagrada, n. 83; A vocação da Ordem hoje, nn. 20-25.31-35; O Evangelho nos desafia, nn. 24-38; Instrumentos de paz (cf. Índice).

- **Refletir**

Quem são nossos “preferidos” no trabalho de evangelização? Onde e entre quem nos colocamos? Nossa Fraterni-

Capitulum generale Assisi 2003

dade local e provincial tem um projeto pela paz e pela justiça?

20.

«Ser uma Fraternidade-em-missão inclui um grande desafio de conversão» (n. 45).

• **Ler**

CCGG 83-88; CPO/2001, Documento final, pp. 7-8; Vós sois todos irmãos, II,8; Ratio Formationis Franciscanae, nn. 84-91; Ratio Studiorum OFM, nn. 28-31.

• **Refletir**

Como nos formamos e como formamos os candidatos para o ministério da evangelização?

PROPOSTAS DO CAPÍTULO GERAL

Capitulum generale Assisi 2003

O “Capítulo de Pentecostes”, celebrado em Santa Maria dos Anjos de 25 de maio a 21 de junho de 2003, aprovou as seguintes propostas para o sexênio 2003-2009.

I. ANIMAÇÃO DA VIDA DA ORDEM

DEFINITÓRIO GERAL

1. Continuem-se os encontros de formação oferecidos pela Cúria geral aos novos Ministros provinciais, aos Visitadores gerais e aos Responsáveis pela formação, permanente e inicial; sejam revistos quanto ao número de reuniões, à duração, à metodologia, ao estilo da animação e ao custo.

2. Para realizar um diálogo mais intenso, o Ministro e o Definitório geral se encontrem com as diversas Conferências ou com um grupo de Conferências ao menos uma vez no sexênio; cada Definidor geral participe regularmente das reuniões de sua Conferência ou de seu grupo de Conferências.

3. O Definitório geral e as Conferências promovam a animação da Ordem baseados nas Prioridades do último sexênio (Espírito de oração e devoção, Comunhão de vida em Fraternidade, Vida em minoridade, pobreza e solidariedade, Evangelização-Missão, Formação e Estudos), à luz do relatório do Ministro geral ao Capítulo geral 2003, com particular atenção aos valores da itinerância e do diálogo.

4. O *Moratorium* (cf. *Relatório do Ministro geral*, n. 69) se transforme numa oportunidade no projeto pessoal, na vida da Fraternidade local e no projeto provincial. O Definitório geral ajude a aprofundar, com adequados instrumentos formativos, seu sentido e suas modalidades, a fim de que se torne uma mentalidade na Ordem.

Capitulum generale Assisi 2003

5. O Visitador geral deve ser nomeado ao menos um ano antes da celebração do capítulo das Entidades a serem visitadas.

6. O Definitório geral constitua uma Comissão internacional que estude o problema dos abusos sexuais de menores e de adultos vulneráveis cometidos por Frades menores e elabore diretrizes a fim de que as Entidades estejam dotadas de procedimentos adequados para enfrentar este problema. Tais diretrizes devem ser redigidas antes de 2005.

SECRETARIADO GERAL
PARA A FORMAÇÃO E OS ESTUDOS

O Capítulo geral pede que o SGFE:

7. Convoque todos os Encarregados da formação permanente para encontros formativos.

8. Ajude as Conferências e as Entidades com subsídios para a formação permanente.

9. Ajude os Ministros com metodologias que possam facilitar a formação permanente nas respectivas Entidades.

10. Elabore orientações formativas para ajudar as Entidades a desenvolver programas de acompanhamento a frades em dificuldade.

ENTIDADES

11. Levando em consideração as diferenças culturais sobre a autoridade e a responsabilidade, todas as Entidades e todas as Fraternidades locais ajudem os Frades, mediante a animação e o acompanhamento, a usar bem o tempo nos seus trabalhos e a cuidar de sua vida espiritual, para que se crie um profundo sentido de co-responsabilidade e de interdependência na vida fraterna. Todos os Frades e todas as Fraternidades devem empenhar-se na formação permanente.

12. O projeto comunitário seja um meio de harmonizar e verificar a realização das Prioridades da Ordem na própria caminhada quotidiana.

13. O Capítulo geral reafirma a necessidade dos Capítulos locais e dos Capítulos de renovação. Todas as Entidades devem cuidar que a todos os Frades seja dada a possibilidade de participar dessa experiência.

14. Antes de 2004, todas as Entidades apresentem ao Definitório geral as causas que introduziram sobre casos de abuso de menores e de adultos vulneráveis cometidos por Frades.

15. Para a nomeação o Visitador geral, o Definitório das Entidades apresente três nomes, que o Ministro geral pode ter presentes ao escolher o Visitador geral.

II. COLABORAÇÃO INTERPROVINCIAL

16. A colaboração interprovincial – na formação e nos estudos, na missão *ad gentes* e nas missões ao povo, nas situações de ruptura e nos projetos comuns – é o futuro da Ordem. Portanto, as Entidades abram-se à dimensão interprovincial, não tanto porque são obrigadas pelos limites locais, mas para recriar na Ordem um espírito universal.

17. As Entidades, mesmo as mais pobres de Frades, devem sentir-se obrigadas a colocar generosamente os Frades à disposição da Ordem, para participar das atividades e dos projetos missionários da Fraternidade universal.

18. O Capítulo geral recomenda que o Definitório geral incremente as Fraternidades internacionais (tipo a de Bruxelas), a fim de preparar Frades para projetos de presença franciscana em regiões de fronteira e para projetos de partilha da pluralidade e da *implantatio* da Ordem em regiões emergentes.

Capitulum generale Assisi 2003

III. EVANGELIZAÇÃO

SECRETARIADO DA EVANGELIZAÇÃO

19. O Secretariado da Evangelização continue a revisão do trabalho pastoral nas paróquias, para que a evangelização se realize em fraternidade, minoridade e co-responsabilidade.

ENTIDADES

20. As Províncias e as Custódias fomentem a criação e o fortalecimento das Fraternidades evangelizadoras, itinerantes ou estáveis, para recuperar o encontro pessoal com o mundo e assim se tornem presenças visíveis de frades nos lugares de sofrimento e de proximidade com os mais distantes.

CUSTÓDIA DA TERRA SANTA

21. Durante este sexênio, os Ministros e os Custódios privilegiem a solidariedade com a Custódia da Terra Santa como sinal profético de unidade e de diversidade para o mundo de hoje.

22. O Capítulo geral deseja manifestar sua proximidade e seu apoio a todos os Frades que trabalham em regiões provadas pela violência, particularmente os que trabalham na Terra Santa.

IV. FORMAÇÃO

DEFINITÓRIO GERAL

23. *Casa para a formação permanente*
O Governo da Ordem escolha entre as Casas existentes a que melhor possa oferecer este serviço.

24. Instituto pedagógico para a formação dos formadores

Durante este sexênio, o Definitório geral estude a possibilidade de instituir um Instituto pedagógico para a formação dos formadores; de preferência, agregando este novo Centro ao Instituto de Espiritualidade do PAA.

25. Pontifício Ateneu Antoniano

O novo Governo da Ordem continue o esforço do Governo precedente para melhorar a qualidade e a administração do PAA, oferecendo para isso as ajudas necessárias.

26. Outros Centros de Estudo e de Pesquisa

O novo Governo da Ordem contribua para fortalecer os Centros de Pesquisa (Grottaferrata, Comissão Escotista, Muski no Cairo, ...) e os Centros de Estudo que existem em algumas Entidades. Para isso, o Capítulo pede que o Secretariado geral para a Formação e os Estudos publique um subsídio com as informações necessárias sobre todos os Centros de Estudo da Ordem.

27. Via pulchritudinis

Através do Secretariado geral para a Formação e os Estudos, o novo Governo da Ordem valorize a *via pulchritudinis* como meio de encontro com o Criador e apóie os Frades que se dedicam às artes (música, pintura, arquitetura, escultura...).

SECRETARIADO GERAL
PARA A FORMAÇÃO E OS ESTUDOS

28. Curso para formadores e propostas para a formação permanente

Continuem-se os cursos de formação permanente para os formadores e os cursos intensivos de formação permanente para outros serviços e ministérios da Ordem. Organizados pelo Secretariado geral para a Formação e os Estudos, estes cursos devem ser integrados pelas Conferências.

Capitulum generale Assisi 2003

ENTIDADES E CONFERÊNCIAS

29. Postulantado

As Províncias redijam e ponham em ação um bem definido programa para o Postulantado, com acompanhadores estáveis, como início de um processo gradual e progressivo da caminhada formativa.

30. Formação especificamente franciscana

Durante o período da profissão temporária, todas as Províncias reservem um tempo significativo, intensivo, teórico-prático à formação especificamente franciscana.

31. Sólida formação intelectual

Todas as Entidades da Ordem proponham e tornem possível, durante a formação inicial, uma sólida formação intelectual e estimulem todos os Frades ao estudo, à leitura e ao aprofundamento intelectual em todas as etapas da vida.

32. Formação permanente

- a. As Províncias redijam e ponham em ação um projeto de formação permanente que abranja toda a existência da pessoa e dê especial atenção:
 - à formação dos guardiães, primeiros animadores da vida fraterna, e dos outros responsáveis pela animação da vida dos frades;
 - ao acompanhamento dos Frades depois de sua profissão solene, com o objetivo de fomentar sua constante inserção na vida da Fraternidade. Este acompanhamento deve durar dos cinco aos dez anos.
- b. O referido projeto de formação permanente vise facilitar, por toda a vida, o desenvolvimento humano, cristão e franciscano.

33. Tempo sabático

Cada Frade tenha «a coragem de parar» (*Relatório...*, n. 69). Por isso, as Províncias e as Conferências preparem um programa que dê a todos os Frades a possibilidade de recupe-

rar e reafirmar a graça da vocação, sua relação com Deus e com os irmãos e sua atualização teológica e profissional.

34. *Ratio Studiorum*

Os responsáveis pelas Entidades da Ordem, em colaboração com o SGFE, promovam o conhecimento e o diligente estudo dos conteúdos da *Ratio Studiorum*.

35. *O estudo das línguas oficiais da Ordem*

O inglês, o italiano e o espanhol são as línguas oficiais da Ordem. Os responsáveis pelas Entidades são convidados a tornar possível aos Frades a aprendizagem destas línguas, além da própria, sobretudo no período da formação inicial.

36. *Faculdade da Flagelação*

A Ordem e as Províncias tenham especial interesse pela Faculdade de Ciências Bíblicas e de Arqueologia da Flagelação, em Jerusalém, e se esforcem por dar professores capazes de responder às orientações e às esperanças da Igreja.

37. *Fundo para a formação e os estudos*

Mantenha-se e se desenvolva o *Fundo para a formação e os estudos*, com a contribuição de todas as Entidades.

V. JUSTIÇA, PAZ E INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO

DEFINITÓRIO GERAL

38. O Capítulo pede que o Definitório geral dote o Serviço de JPIC de pessoas e de meios adequados para que possa alcançar seus objetivos.

ENTIDADES DA ORDEM

39. O Capítulo geral pede que, no sexênio 2003-2009 e com a ajuda do Serviço JPIC, todas as Entidades da Ordem:

Capitulum generale Assisi 2003

- a.** examinem nosso estilo de vida e seu impacto sobre a criação, assumam comportamentos mais responsáveis em relação ao próprio ambiente e promovam a ética ambiental;
- b.** promovam um estilo de vida não violento, mas ativo, e prestem particular atenção à solução dos conflitos;
- c.** dediquem especial cuidado aos refugiados, aos imigrantes, às minorias étnicas, às pessoas sem terra e aos fugitivos.

40. O Capítulo geral pede que, no triênio 2003-2006, o Conselho para os Assuntos Econômicos, em nível geral e provincial, elabore diretrizes éticas para o uso responsável dos bens.

PONTIFÍCIO ATENEU ANTONIANO

41. O Capítulo geral pede que no PAA de Roma se instuam cursos dedicados à JPIC, nos quais se dê particular atenção aos temas da criação e da não violência; recomenda que cursos semelhantes sejam oferecidos em todos os Institutos franciscanos de ensino superior.

VI. SERVIÇO PARA O DIÁLOGO

42. O Capítulo geral reafirma a importância do Serviço para o Diálogo nas três dimensões: diálogo ecumênico, inter-religioso e com as culturas; e pede que

- a.** este Serviço seja inserido na “nova” Secretaria geral para a Evangelização;
- b.** se dê particular atenção ao diálogo com o Islamismo.

SECRETARIADOS PROVINCIAIS E DAS CONFERENCIAS PARA A FORMAÇÃO E OS ESTUDOS

43. O Capítulo geral pede que os Secretariados provinciais e das Conferências para a Formação e os Estudos estimulem e

cultivem os estudos e as capacidades para o diálogo e tornem possíveis, no tempo da formação inicial, experiências de diálogo com as outras culturas e religiões.

VII. MEIOS DE COMUNICAÇÃO

44. Os meios de comunicação são hoje um instrumento eficaz de evangelização. É preciso formar os Frades:

- para agir com os meios de comunicação, visando um melhor serviço ao Evangelho;
- para um uso responsável dos mesmos.

VIII. PARTILHA DOS BENS

FUNDOS ECONÔMICOS PARA AS CASAS DEPENDENTES DO MINISTRO GERAL

O Capítulo geral estabelece que:

45. Sejam criadas reservas econômicas significativas para fazer frente à necessária manutenção das Casas dependentes do Ministro geral.

46. O Definitório geral, o Ecônomo geral e o Serviço para o Desenvolvimento da Cúria geral e do PAA devem encontrar fontes alternativas de entradas para responder às necessidades presentes e futuras das Casas e dos Projetos dependentes da Ordem.

47. Estude-se imediatamente a situação das Casas dependentes do Ministro geral no que se refere à administração dos imóveis e do pessoal.

Capitulum generale Assisi 2003

**APOIO ECONÔMICO DAS PROVÍNCIAS
ÀS CASAS DEPENDENTES DO MINISTRO GERAL
E FORMAÇÃO DE UM FUNDO DE RECURSOS**

O Capítulo geral decide que:

48. Todas as Entidades da Ordem introduzam em sua contabilidade um fundo geral, com a finalidade de constituir recursos para a manutenção das Casas dependentes do Ministro geral.

49. Tal fundo será constituído:

- por doações voluntárias das Províncias e das Casas das Províncias;
- através de uma taxa de 1% destinada à Cúria sobre todas as vendas de propriedades feitas pelas Províncias ou pelas Casas.

**FINANCIAMENTO DA REESTRUTURAÇÃO
DA AULA MAGNA DO PAA**

O Capítulo geral estabelece que:

50. Seja reestruturada a Aula Magna do PAA, para adequá-la às normas arquitetônicas da União européia.

51. Seja acolhida a proposta do Definitório geral de sanear e renovar a Aula Magna e os espaços adjacentes para depois alugá-la.

52. Já que não existe nenhum fundo econômico para realizar esses trabalhos de saneamento e de renovação, todas as Entidades da Ordem devem dar, durante os próximos 24 meses, a metade da soma necessária para realizar os referidos trabalhos – isto é, um milhão e meio de euros dos três milhões previstos – mediante o sistema de «faixas» utilizado para as contribuições anuais à Cúria geral. Por isso, todas as Entidades serão oneradas anualmente com uma contribuição proporcio-

nal suplementar. Se alguma Entidade encontrar dificuldade nesse método, pode dirigir-se ao Ministro geral para eventuais esclarecimentos.

53. O Ministro geral cuide que, ao mesmo tempo, se inicie um projeto para recolher a soma restante a partir de outras fontes de financiamento.

54. O fruto anual do aluguel (162.000) será utilizado na manutenção arquitetônica das Casas dependentes do Ministro geral.

COLÉGIO SÃO BOAVENTURA DE GROTTAFERRATA

O Capítulo geral pede que o Definitório geral:

55. Nomeie uma Comissão para estudar possíveis alternativas para a Casa de Grottaferrata;

56. Durante o sexênio, tome uma decisão sobre Grottaferrata, após ouvir o parecer dos Presidentes das Conferências.

DIVISÃO POR FAIXAS DAS PROVÍNCIAS PARA AS CONTRIBUIÇÕES ANUAIS À CURIA GERAL

57. O Capítulo geral pede que o Definitório geral reveja as modalidades das contribuições das Entidades à Cúria geral. O Definitório submeta tal revisão aos Presidentes das Conferências dentro de dois anos.

58. Em cada Capítulo geral, o Definitório geral apresente um cálculo atualizado do sistema das contribuições por parte das Entidades.

Capitulum generale Assisi 2003

SOCIEDADE PROFISSIONAL
PARA A REVISÃO DAS CONTAS

59. Anualmente, o Definitório entregue a uma Sociedade profissional externa a tarefa de analisar e de controlar as contas do Economato geral.